



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 03

As ondas gigantes de Maya Gabeira

Branca Vianna: Hoje a minha conversa é com a Maya Gabeira, campeã de surfe de ondas grandes. De ondas gigantes, na verdade. As maiores do mundo: coisa de 30 metros, basicamente um prédio de dez andares. Desde que eu ouvi falar da Maya pela primeira vez, e eu não lembro quando foi, mas faz bastante tempo, eu fiquei interessada. O que ela faz é muito impressionante, muito fora do normal dos atletas e, especialmente, *das* atletas. Não tem como não ficar fascinada. Tem pouquíssimas mulheres nesse esporte, que é muito perigoso, e ela é das mais importantes, se não a mais importante.

Como eu não sigo esportes, antes de saber da Maya, eu sequer sabia que existia surfe de onda grande. E nem que era um esporte diferente do outro surfe. Eu descobri por causa dela, e continuei interessada. Eu me perguntava: “Como será surfar uma onda assim? Por que que ela faz isso? Como ela faz isso? De onde veio essa vontade, essa coragem? Como a pessoa treina para surfar um prédio de dez andares?”. Eu morro de medo de onda, qualquer uma, mesmo marolinha. Tomei muito caldo na infância, meus filhos tomaram muito caldo na infância e, para mim, isso já deu. Tenho muito respeito pelo mar, ele no canto dele e eu na areia. E a Maya lá, numas ondas *abissais*, feliz da vida dela.

Aí, saiu o documentário *100 Foot Wave [2021]*, que conta como um funcionário da Prefeitura de Nazaré, em Portugal, conseguiu transformar a sua pequena vila pesqueira, que só recebia turistas no verão, no maior centro de surfe de ondas grandes do mundo. A Maya aparece bastante no documentário, de que a gente vai

falar um pouquinho aqui. E eu pensei: “Eu *preciso* conversar com essa mulher, quero entender como ela funciona”. Ela é carioca, então, a gente aproveitou uma visita dela à família, aqui no Rio, para levar ela para o estúdio e matar toda a nossa curiosidade. A curiosidade de vocês e a da Flora Thomson-DeVeaux, que estava comigo no estúdio, não se aguentou, e fez perguntas também. Eu comecei a nossa conversa falando do livro infantil que ela escreveu que chama *Maya e a Fera*. É a história de uma menininha e uma onda gigante, claro, e de como elas ficam amigas. É que no final do livro tem uma frase que resume muito bem o nosso papo e a própria história da Maya.

Branca Vianna: Já começando, Maya, com o teu livro. Teve uma coisa que me chamou super a atenção, aqui, que eu li, que quando você começou a surfar, enfim, só tinha menino, né? Mas que isso pra você foi um incentivo. E aí tem uma frase que você colocou aqui no final do livro, no posfácio do livro, que você diz que “Viver em um mundo dominado por homens despertou a minha imaginação”. O que você quer dizer com isso?

Maya Gabeira: “Sobreviver em um mundo dominado por homens, despertou minha imaginação”.

Branca Vianna: “Sobreviver”, isso é fundamental.

Maya Gabeira: O que é que significa isso, pra mim?

Branca Vianna: É, é... Por que? Por que é que despertou?

Maya Gabeira: Ah, eu acho que é a falta de padrão, né? Você não tem alguém para copiar o caminho. Então você tem que ser muito criativo para conseguir construir um caminho que ainda não existe. Homem é diferente de mulher [risos], então, não só da forma que a gente pensa, a nossa força, mas também as oportunidades perante a sociedade. Então não adiantava eu olhar para as oportunidades que tinham os homens no meu esporte e achar que elas seriam as mesmas para mim, porque elas não existiam para a mulher. Então, como que eu conseguiria me tornar profissional num esporte que não tinha nada para reconhecer uma atleta mulher naquele espaço? Então, para

isso, eu tinha que usar a criatividade. Eu tinha que buscar formas de me fazer relevante, né? Dentro de um esporte que não tinha um caminho trilhado. É muito mais simples você olhar e falar: “Eu quero ser campeã olímpica da natação, no feminino, 50 metros borboleta”. Mas, quando aquela categoria não existe para o seu gênero e *não* vão abrir para você competir com os homens, você tem que, então, entender como que você cria sua própria oportunidade no mundo.

Branca Vianna: E por que é que isso te atraiu e não te repeliu? Quando você começou a surfar, aqui, no Rio de Janeiro, você olhava em volta, só tinha menino. E você, sei lá, com 13, 14 anos, né? Mais ou menos.

Maya Gabeira: Uhum!

Branca Vianna: Em vez de você dizer: “Não, só tem menino, então isso não é para mim. Eu vou fazer natação, 50 metros borboleta”. Mas você fez o contrário. Então por que é que te atraiu em vez de te repelir?

Maya Gabeira: Na verdade, são duas respostas distintas. A primeira, da fase dos 13, 14 anos. Se eu olhar para o mar e não ver nenhuma menina, eu achava aquilo extremamente desafiador. E eu idolatrava os meninos. Achava que os meninos se divertiam muito mais. Eles tinham uma qualidade de vida muito melhor que as meninas, né? Enquanto a gente ia para a praia e as meninas estavam na canga, os meninos iam e ficavam sarados e felizes e cheios de história para contar, enquanto as meninas ficavam ali de bobeira, sem fazer nada. E aquilo, para mim, não me atraía nem um pouco. Eu nunca fui de areia, na verdade. Aliás: depois, com 17, 18 anos, quando eu chego no Havaí, para mim se torna um mar de possibilidades, porque se nunca foi feito, nada é impossível. Não tem limite [risos]. Porque não tem onde se espelhar e ninguém traçou aquilo. Então, na verdade, eu achava que podia me levar para lugares que nem eu imaginava. E grandiosos, de certa forma, porque eu achava o esporte maravilhoso. Eu tinha muita admiração pelas pessoas que praticavam aquele esporte. E eu achava que, uma mulher conseguir praticar aquele esporte, seria ainda mais desafiador e, por resultado, mais grandioso. Porque quando você tem que superar tantas

coisas para conseguir fazer o mesmo, você sempre acaba evoluindo mais, se tornando uma pessoa bem mais completa, eu acho.

Branca Vianna: E quando você chegou no Havaí, então, com 17 anos, você foi... você também olhou o mar, lá, naquele momento, e também não tinha ninguém, não tinha mulher. Ou tinham pouquíssimas?

Maya Gabeira: Tinham pouquíssimas. Tinha uma menina que me inspirava, que surfava onda grande, mas não era profissional, que era a Jamilah Star, que já surfava grandes mares em Waimea [no Havaí], em lugares onde você carregava aquela prancha gigante, já era *gun*, já era um surfe de ondas grandes. Mas, era uma menina amadora que não ganhava para aquilo. Não tinha nenhum ícone do esporte no feminino. Não tinha ninguém no esporte mundial naquela época que pudesse falar: “Eu ganho dinheiro para surfar ondas grandes”. Essa profissão não existia. E ela existia super para homem.

Branca Vianna: E aí, como é que você fez, com 17 anos para começar a fazer isso?

Maya Gabeira: Eu era garçonete. [risos] Trabalhava seis horas por dia. Às vezes era nos turnos de manhã, às vezes no da tarde, às vezes no da noite... O resto do dia eu distribuía entre treino físico e surfe. E surfava de prancha emprestada. Muitos profissionais brasileiros, até, começaram a me incentivar, e me emprestavam prancha. E, quando saíam da temporada para as próximas competições, a prancha no Havaí era muito específica, e acabavam me dando alguns equipamentos, e aí eu fui...

Branca Vianna: Por que a prancha no Havaí não serve para outros lugares?

Maya Gabeira: Não. É prancha de *pipeline*, de *sunset*. São pranchas bem específicas, assim, para o tipo de onda. E eu acabava herdando alguns equipamentos.

Branca Vianna: Porque você não tinha... você não tinha os teus ainda.

Maya Gabeira: Não, não, eu não investia. Não tinha como investir, e meu investimento todo era para me manter no lugar certo.

Branca Vianna: Era para morar, pagar aluguel...?

Maya Gabeira: Era para morar. Era para estar no lugar mais importante de surfe no mundo, que é o *North Shore* de Oahu [região havaiana], principalmente naquela época. Na verdade é ainda, assim, como profissional. Mas hoje em dia já mudou bastante, com o Instagram, o circuito sendo do jeito que é, e com a força que tem o surfe brasileiro, né? Naquela época a gente era completamente terceira classe.

Branca Vianna: Mesmo os homens?

Maya Gabeira: Pô, total. A gente não tinha um campeão mundial e nem tinha ninguém *perto* de ser campeão mundial.

Branca Vianna: Bom, mulheres então, nem pensar. Mas entre os homens também não?

Maya Gabeira: Não, não. Nossa primeira geração de campeão mundial foi o Gabriel Medina, com 18 anos. Foi em 2014, se não me engano.

Branca Vianna: E aí você chegou lá, então. E você olhou e falou: “Não, eu quero ser profissional disso”. E aí, como é que funciona, assim? Eu suponho que seja através de patrocinador, dessas coisas, né?

Maya Gabeira: Sim...

Branca Vianna: Como é que funciona a relação com o patrocinador? Para os homens e para as mulheres. É diferente, ou é igual, ou...?

Maya Gabeira: Ah, é muito diferente. Quer dizer, já foi muito mais diferente. Hoje em dia a gente já chegou num lugar onde as meninas ganham bem, temos grandes atletas no circuito, temos mais oportunidades e tudo. Mas, na época, ainda era um esporte muito masculino, né? Então, apesar de termos

empresas, mesmo na época, que faturavam mais nas roupas femininas, como a *Roxy* e a *Quiksilver*.

Branca Vianna: Como assim?

Maya Gabeira: A *Roxy* e a *Quiksilver* eram do mesmo dono, né? Era a *Quiksilver* que tinha a linha *Roxy* e a *Quiksilver*, que era masculino. Só que a mulher compra muito mais.

Branca Vianna: Não mulher competidora, né? Mulher normal, né? Que vê a praia...

Maya Gabeira: Então mesmo tendo mais lucro, mesmo tendo mais lucro a *Roxy*, os salários eram 20, 30 vezes mais inferior.

Branca Vianna: Nossa...

Maya Gabeira: E, mesmo você sabendo que aquela empresa tinha um lucro maior, por naturalmente vivermos num mundo onde a mulher acaba comprando mais. E aí, até as vezes a mulher compra para o homem, a mulher aqui compra a bermuda do cara, etc.

Branca Vianna: É, é.

Maya Gabeira: Mas a gente tinha pouquíssimo incentivo, assim, profissional, e os salários eram muito mais baixos e a gente ainda não tinha uma premiação igual, né? Que nem a gente tem hoje. A *WSL [World Surf League]* foi a primeira Liga Mundial que igualou as premiações. Então a gente tinha que batalhar muito pra ganhar bem menos. É um esporte muito caro, complexo e que não tem clube por trás, né? Então assim, todo investimento é individual. Tem que ter o seu *coach*, o seu equipamento, arcar com as suas viagens e tudo mais. Então você não tem uma estrutura por trás.

Branca Vianna: Era você e você, lá no Havaí, com 17 anos. E como é que você conseguiu?

Maya Gabeira: Era eu e eu. Acho que uma parte da minha visão era certa, né? Quando você é a primeira, você acaba chamando atenção. Então, isso contava a meu favor. Quando o mar estava gigante, tinham vários profissionais muito bem sucedidos e tinha *uma* menina, principalmente, porque eu era muito jovem para o meu esporte, isso chamava bastante atenção. E eu precisava chamar atenção, porque como o meu dinheiro vinha de patrocínio, o que o patrocínio quer seu é visibilidade. Então essa era a equação. Eu tinha que ter muita visibilidade para conseguir ter um patrocínio, ou melhorar o meu patrocínio. E o investimento desse patrocinador em cima de mim, para que eu pudesse continuar evoluindo, continuar ativa no meu esporte. Eu só focava em surfar bem em dias importantes, que tinham muita visibilidade, muita mídia e que....

Branca Vianna: O que é que é um dia importante?

Maya Gabeira: Ah, são os maiores dias do ano nos lugares principais do mundo, vamos dizer, Waimea [Havaí], Jaws [Peahi, no Havaí], Mavericks [Califórnia], [Baía de] Todos os Santos, Teahupoo, no Taiti. Então se você conseguisse estar nesses lugares e ter uma performance importante em meio a todos os melhores do mundo, acabava saindo matéria... na época era, né? Matéria em revista, capa de revista, anúncio. Você fazia imagens que eram interessantes e acabava, acabava rodando o mundo. Documentário...

Branca Vianna: E aí, como você era a única mulher, aí aparecia. As pessoas achavam isso interessante...

Maya Gabeira: Sim, sim [risos].

Branca Vianna: ... ou divertido?

Maya Gabeira: É, divertido não muito, mas [risos das duas] interessante, mesmo, mais uma loucura.

Branca Vianna: Por que divertido não muito? Achavam estranho?

Maya Gabeira: Ah, o esporte não tem nada de divertido, assim, né? [risos]. É um esporte bem perigoso, bem competitivo. Com certeza estranhavam muito na época. Naquela época, no surfe, ainda, as meninas eram bem masculinas, bem no circuito mundial, sabe? A visão das meninas era assim: você precisava ser masculina para surfar bem. Você precisava... E eu cheguei completamente fora do estereótipo, ainda muito jovem, e aquilo não encaixava muito no que eles consideravam normal. Eram meninas que usavam bermudão até o joelho, falavam muito palavrão, essas coisas, assim, mais masculinas.

Branca Vianna: Até para se encaixar, até para se encaixar no...

Maya Gabeira: Acho que sim. Acho que sim. No ambiente.

Branca Vianna: No ambiente e no comportamento, né, dos meninos.

Maya Gabeira: Talvez.

Branca Vianna: É comum isso na primeira geração de quase qualquer....

Maya Gabeira: Qualquer esporte, eu acho.

Branca Vianna: De qualquer profissão, de quase qualquer profissão.

Maya Gabeira: É?

Branca Vianna: É que eu estava pensando, tipo, sei lá, nos anos 80, por exemplo. Se você olhar qualquer filme ou documentário sobre mulheres executivas nos anos 80, vai estar todo mundo de terno com uma ombreirona, assim, muitas vezes até de gravata, mesmo que seja uma saia, mas uma coisa... Uma roupa bem masculina e uma atitude bem masculina para conseguir se encaixar naquele mundinho que era só homem. Porque se for, assim, mais soltinha, vai aparecer com vestido floral, uma coisa assim, ninguém vai te levar a sério, ninguém vai te ouvir, o que você está dizendo, então...

Maya Gabeira: Exatamente, exatamente. É, a gente tinha muito isso no surfe. Hoje em dia é completamente diferente. As meninas são muito femininas, da nova geração.

Branca Vianna: Você pode ser do jeito que você quiser? Se você quiser...

Maya Gabeira: São casadas, viajam com o marido, namorados. Tem umas mais femininas, menos femininas. Mas não é mais uma questão, assim. Já não tem mais um estereótipo, o surfe feminino. É completamente livre. Você não precisa parecer de uma forma para se encaixar. Não tem mais isso. A mulher também já tem espaço.

Branca Vianna: Coisa boa, isso, hein? Inclusive no teu, de onda grande?

Maya Gabeira: No meu, menos [risos das duas].

Branca Vianna: No teu, como é que é?

Maya Gabeira: No meu estamos atrasados.

Branca Vianna: É que tem muito, tem... Bom, pra começar, imagino que um universo geral de pessoas que surfam onda grande é muito menor, né? Porque...

Maya Gabeira: Muito menor e muito mais agressivo, com muito mais ego. É um esporte de coragem, então isso já afunila um pouco o tipo de homem, também, que você encontra. E a gente vê muito, assim, no meu esporte, meninas que surfam com os namorados. Que não conseguiram penetrar sozinhas e que então conseguiram porque se juntaram a algum cara. Isso eu acho que é muito comum, também, em outros esportes, mas um pouco mais antigo, assim? Mas a gente ainda está nessa leva.

Branca Vianna: E nesse documentário assustador, lá de Nazaré, aquele da onda de cem pés, em que você aparece. Uma das coisas que eu vi naquele documentário e que me deixou, assim, "tiririca" da vida, foi que eu estava vendo, sei lá, dois episódios, com todo mundo se estabacando, se

quebrando, se ferrando. E vai jet ski, e o jet ski cai na cabeça do sujeito, e o sujeito quebra a espinha, e entra água no pulmão e vai parar no hospital... enfim, se ferra todo. E aí, quando chegou na tua vez, do teu acidente, aí o cara diz: “Não, mas ela não estava preparada. Ela não tinha as habilidades, ela não podia, não sei o que” [imitando com desdém]. E os outros todos eram assim: “Pô, onda grande é assim mesmo. Esse esporte é perigoso, É assim que acontece, isso é assim, ele vai ficar bom, ele não vai ficar bom. Mas isso é assim mesmo, a gente sabe o perigo”. Eu falei: “Caceta, o que é que é isso, gente, todo mundo cai e ela não pode cair?” Me deixou meio irritada por você.

Maya Gabeira: É, mas esse foi o preço do pioneirismo, né? Hoje em dia já não fazem mais essas coisas com as outras meninas.

Branca Vianna: Ah tá, elas podem...

Maya Gabeira: Podem.

Branca Vianna: Podem cair, podem...

Maya Gabeira: [risos] É, quem pagou o preço alto fui eu.

Branca Vianna: É, bom, pelo menos você pode dedicar isso... [risos das duas]. Mas assim, cara, mas esse documentário é recente. Então...

Maya Gabeira: Mais ou menos.

Branca Vianna: É de quanto tempo?

Maya Gabeira: Essas declarações, assim, todas, fazem uns seis anos.

Branca Vianna: E seis anos é muito tempo no teu esporte. É?

Maya Gabeira: Nossa... muita coisa mudou. A gente começou a competir profissionalmente no meu esporte há três anos.

Branca Vianna: Uau! E então, vocês ainda tem uma vida, né? De qualquer modo, saiba que eu fiquei ofendida em seu nome. Eu falei: “Nem sei se ela se incomoda, nem sei se ela fica ofendida. Mas eu estou ofendida”.

Maya Gabeira: Obrigada. Não, isso foi muito difícil, na minha carreira toda, mas hoje em dia já não acontece.

Branca Vianna: Por ela.

Maya Gabeira: Graças a Deus que agora eles já não tem mais o que falar de mim. Mas, eu tive que apanhar muito pra chegar no lugar onde eu estou hoje em dia, onde eles não podem mais falar isso. Assim, não se prezam mais a falar isso, pelo menos não em público.

Branca Vianna: É uma coisa tão difícil isso que você faz. Para qualquer pessoa, homem, mulher, pessoas sobrehumanas, semideuses, seja lá o que for, é muito difícil. Mas você fala uma coisa, que vencer não é isso tudo o que a gente acha que é. E eu ficava imaginando, assim, que, bom, ultrapassar uma barreira dessas e vencer um campeonato, ou talvez não um campeonato, mas conseguir surfar a maior onda seria uma sensação incrível. E eu ouvi você dizendo numa entrevista qualquer, que não é tanto assim, que não é tanto do que a gente espera, que... sei lá, que passa rápido, que não é... E eu fiquei meio curiosa de saber o que é isso.

Maya Gabeira: Na verdade, eu tive duas experiências bem distintas de momentos importantes da minha carreira - porque eu considero os dois recordes mundiais os momentos mais importantes da minha carreira - porque era tudo que eu queria. O primeiro foi altamente insatisfatório para mim, porque eu estava voltando de quatro anos de lesão, de uma quase morte. Eu tinha sido destruída pelos homens no meu esporte. Eu tinha sido demitida de todas as minhas empresas, que eu trabalhava, que eu representava. Tinham pisado em mim, pisoteado. E quando eu surfei a onda, era óbvio que era um recorde mundial e a indústria resolveu ignorar, e fingiram que não tinha existido. Eu tive que fazer uma petição pública contra a Liga Mundial e o Guinness falando que era mais que a hora - nós estávamos em 2018 - e que eu estava desde 2013 correndo atrás de um recorde mundial, que essa onda

era obviamente o recorde mundial e que eles precisavam registrar isso. E eu ganhei muito apoio, e o recorde saiu. Mas quando ele saiu, já tinham passado dez meses de briga. Eu já tinha alopecia, já tinha Hashimoto, já tinha milhões de coisas... não sabia nem mais se valia a pena aquele negócio. Aí eles me ligaram e falaram: “Ah, vai ter a cerimônia, você realmente bateu o recorde” e eu, “ahã, jura?”.

Branca Vianna: É, você lá, “Já sabia, já tinha notado, eu notei na hora!”

[risos]

Maya Gabeira: Sério? “Então, a gente vai te presentear no clipe da Nazaré”. E fizeram a cerimônia. E para mim aquilo foi quase que um desgosto. Porque você passar por tudo isso, e ter que se expor e passar pelo estresse que eu passei pra ganhar uma plaquinha, foi um elefante que eu tirei das minhas costas, sabe? Sai. Sai que agora é hora de virar essa página, que eu não aguento mais falar de recorde, não aguento mais pensar em estratégia, não aguento mais pensar nesses casos. Eu preciso seguir minha vida. Tanto que eu pensei em me aposentar naquele ano, achando que eu ia seguir por outro caminho, que já estava bom essa guerra, que tinham sido muitos anos de guerra, não aguentava mais brigar. E, por acaso, não aposentei, e aí eu quebrei o segundo recorde mundial. E o segundo recorde mundial veio diferente, assim. Primeiro que o recorde já existia, então uma única briga foi medir uma onda de uma atleta com a minha. E eu sabia que era maior.

Branca Vianna: Porque era o recorde...porque era o recorde feminino, né?

Maya Gabeira: Era o recorde feminino. Eu sabia que a minha era maior. Tinha uma chance deles quererem me sabotar, porque sempre tem essa chance. Porque eles são realmente, assim, bem difíceis comigo, porque eu tive que bater em muita gente, tive que me impor muito. E aí a próxima geração veio com uma situação muito mais confortável, né? Só que eu deixei, deixei rolar. E aí o recorde saiu. E não só saiu, como foi o ano em que eu surfei a maior onda do ano, né?

Branca Vianna: De homens e mulheres, né?

Maya Gabeira: Homem, mulher. E foi um ano de pandemia, teve muita mídia, fui muito celebrada, etc. Era um ano assim, meio estranho, sabe? Uma coisa meio esquisita? Não sei.

Branca Vianna: Foi 2020, né?

Maya Gabeira: Foi. E aquele recorde eu senti que tinha sido um resultado da minha carreira. Ali eu falei: “[suspiro] Okay, esse era o meu sonho”. Eu queria surfar uma onda maior do que os caras e fazer eles entenderem que não é bem assim, que eu estou aqui para competir com eles. [risos] Só que eu precisava garantir que tinha uma outra categoria, porque senão a gente não vai ter exposição nunca, porque isso aconteceu uma vez no meu esporte. Capaz de nunca mais acontecer. Eu não posso deixar que todas as outras mulheres não tenham oportunidade, porque aquele nível é um impossível. Ninguém está aqui demandando que a Serena Williams ganhe do Roger Fedra. Por que vocês vão fazer isso no meu esporte? Então eu acreditava nisso, entendeu?

Branca Vianna: É verdade, não faz nenhum sentido. Por causa de tamanho, de força, de tudo, né?

Maya Gabeira: Tudo, tudo, tudo. E então foi, assim, o segundo recorde foi algo que me satisfez bastante. Eu fiquei bem feliz. Mas, é aquela coisa, a felicidade passa, você ganha o negócio e logo depois a vida continua. Não é uma coisa duradoura, não é para sempre. Não pode achar que você vai estar querendo atingir um objetivo de vida e você vai atingir aquilo, e a partir daquele dia tudo vai ser perfeito. Não vai ser nada perfeito, vai ser tudo igual. É um retorno, né? Porque é muito tempo de trabalho, é muita dedicação, é muita complexidade. Eu tinha quase morrido naquele mesmo lugar, tinha três cirurgias na coluna. Tinha muita coisa acontecendo, eu tinha perdido patrocínio, eu tinha... Então foi bom para mim, assim, que eu acho que aquele foi, de fato, o auge da minha carreira até então, sabe? Acho que foi o momento onde todo mundo teve que parar e falar: “Realmente. A mulher é fogo.”

Branca Vianna: Tá aí, dois recordes é... A mulher é boa.

Maya Gabeira: Acho que até então, assim...

Branca Vianna: Acho que ela tem as habilidades, assim, é... pensando bem... [risos]

Maya Gabeira: Acho que nem habilidades, eles falaram assim: “Nossa, a mulher realmente é resiliente!” [risos].

Branca Vianna: Isso é um outro clássico que você vê, assim. Você tem um menino na escola, um menino que é bom, que é esperto. Ele é inteligente... e uma menina que também é inteligente. As pessoas vão dizer assim “Ah, ele é um gênio”. Mas “ela é muito estudiosa”.

Maya Gabeira: E a gente sempre coloca na base o quanto a gente precisa realmente engolir, na base do esforço.

Branca Vianna: É o esforço, é.

Maya Gabeira: Pô, eu treino muito, né?

Branca Vianna: E agora, nessa segunda parte da conversa com a Maya, ela falou sobre a rotina em Nazaré [Portugal] e também sobre o papel do medo nos dias de competição. Aqui você também vai ouvir a Flora perguntando para a Maya coisas que qualquer ser humano comum gostaria de saber.

Branca Vianna: E aí, você mora em Nazaré [Portugal], né? Como é que é a tua vida lá? Normalmente? Você se acorda e vai logo ver a cara da onda para ver se você vai para o mar aquele dia? Você acorda e faz o que?

Maya Gabeira: Não necessariamente, é bem diferente a minha rotina em verão e em inverno. Em inverno, quando a gente já está, assim, focado e já

começa a dar bastante onda, eu sei mais ou menos como vai ser a minha semana pela previsão.

Branca Vianna: A previsão meteorológica?

Maya Gabeira: É. E eu já meio que mapeio, assim. “Esse dia é muito importante, eu passar o dia todo na água... Esse dia vai ser meio-dia, porque depois vai entrar o vento...” Falo com alguém do time, que a gente tem times, né? Pessoas que a gente surfa junto, alguém já está lá, vendo. E eu programo minha vida assim. Mas é bem simples: surfe, treino, piscina. E fisioterapia [risos].

Branca Vianna: Piscina, por que? Piscina tem...

Maya Gabeira: Ah, eu treino bastante na piscina.

Branca Vianna: Você nada? Fica nadando assim?

Maya Gabeira: É, eu nado, faço treinamento de fôlego. Eu gosto.

Branca Vianna: Ah, claro, claro! Você...você tem que ficar debaixo d'água sem poder sair, né?

Maya Gabeira: E para mim também, às vezes, é bom, assim, porque é muito tempo na água fria, sabe? Todo dia água fria. Ah, eu adoro botar um esporte que é a água, mas não é frio. [risos]

Branca Vianna: A água de Nazaré deve ser muito fria, muito fria, é.

Maya Gabeira: E aí quando eu... quando sobra assim, um *gap*, “ Ah, essa tarde aqui vai ventar, não tem treino”, então vou para a piscina. Aí você nada numa água mais agradável, entendeu? Sem botar aquele tanto de roupa. Eu gosto.

Branca Vianna: E sem pressão também, né? Vai nadando, não tem...

Maya Gabeira: Não, claro.

Branca Vianna: Não tem uma onda do tamanho de um prédio. Quando você está descendo uma dessas ondas realmente grandes que você está lá pelo desafio, que você está lá pelo recorde. Qual é a sensação na hora? Você consegue pensar, ter estratégia ou é só medo? O que é que te... o que você sente quando você está numa onda dessas? Essas de risco, né.

Maya Gabeira: Ah, você fica bem focado assim. Bem alerta, estado de alerta máximo. E, com isso, você sente tudo, né? Eu acho que muitas vezes a gente não consegue sentir tanto o vento batendo no rosto, a água se mexendo, a pessoa gritando... Fica tudo meio que em *slow motion*.

Branca Vianna: Qual pessoa gritando, o teu parceiro no teu ouvido?

Maya Gabeira: Ah, todo mundo. [risos] Jet ski passa na frente, câmera que passa atrás, o meu parceiro... é uma confusão normalmente, né?

Branca Vianna: No meio daquela ondona tem...

Maya Gabeira: Tem guerra, tem isso, tem aquilo, tem disputa. Tem tudo, mas você fica muito presente, com os seus sentidos muito aflorados, assim. Então a sensação é de que você está muito vivo assim, extremamente vivo. Eu acho que isso é super prazeroso.

Branca Vianna: Você consegue pensar? Porque imagino que tem que ter estratégia, dependendo da onda. No caso dessas ondas gigantes, então você não sabe o que vai acontecer? Ou sabe?

Maya Gabeira: Quando vem uma muito perfeita para você, você sabe. Agora, você não sabe se você vai fazer a onda, porque assim, quanto maior, mais ela se transforma, porque é muita água. Então, quanto mais você acumula água ali, quanto mais altura ela tem, mais possibilidade de ela ficar com mais velocidade do que é possível você atingir na prancha. Com mais formação de escada, ou *bump*, que a gente chama, na face da onda. Que é,

as vezes que não é nem que a onda não está lisa, é simplesmente que é muita água, e aquilo causa umas certas deformações na parede. Enquanto você vai descendo você tem que se ajustar àquilo. Você voa e aterrissa, então tem muita coisa que, à medida que a onda vai ficando cada vez maior, são surpresas. Porque ela fica descontrolada [risos] e aí você tem que ir se ajustando àquilo, se adaptando àquilo. Mas super dá tempo de você pensar. Não só você ter a leitura da onda que está vindo quando você está navegando até ela, mas quando você começa a soltar a corda... porque ela não está nem formada ainda, né? A gente solta a corda antes. Então, você tem que começar a ter uma leitura de para onde você vai, para onde essa onda vai quebrar.

Branca Vianna: Tipo para esquerda ou para a direita?

Maya Gabeira: É! Para a esquerda ou para a direita. Posso ir mais para dentro, depois voltar para a esquerda? “É uma esquerda, só que eu quero ir mais para dentro, senão vou ficar muito pro fim da onda, essa onda não vai valer nada”. Tem que surfar no crítico, tem que surfar a parte mais alta da onda, eu tenho que me arriscar. Porque, se não, eu chego lá, falo que sou surfista de onda grande e passo aqui no cantinho da onda, solto, surfo três pés, saio...

Branca Vianna: A onda é grande mas ela está lá e você aqui.

Maya Gabeira: Está lá no sul da Europa, e você está lá na Irlanda, entendeu? Então tem toda uma...tem toda uma estratégia que você faz como atleta e como piloto também. Às vezes você... normalmente, quando você está com alguém nesses dias gigantes e já tem bastante intimidade, a pessoa sabe como você vai surfar, como você quer surfar. E aí você toma todas essas decisões na hora.

Branca Vianna: E eu vi você falando também que... o papel do medo. Que o medo, enfim, medo em geral, paralisa. Medo serve meio para isso, né? Para você não fazer alguma coisa que vá te machucar. Mas eu vi você falando que o medo tem um papel importante. Qual é o [esse papel]?

Maya Gabeira: Ah eu acho que o medo nessa situação tem dois papéis. Um de se proteger, né? De você, em certo momento, conseguir entender que aquela onda, não, porque aquela seria estupidez, está em frente ao Cliff, é a primeira onda da série e depois vem seis ondas... para o que que você vai naquilo?

Branca Vianna: Porque aí você vai na primeira, dá de cara com o cliff e vem seis atrás, né...

Maya Gabeira: E aí, não tem resgate

Maya Gabeira: E aí, vai fazer o que? Então tem um certo lugar ali onde o medo é essencial. Para você ficar numa linha tênue do que ainda tem algum tipo de controle, para sair da situação quando dá tudo errado. E a vantagem que eu vejo do medo, assim, maior, é que você fica muito alerta. Mais fácil para machucar num dia médio, do que em um dia gigante.

Branca Vianna: Ah... porque você está mais relaxada?

Maya Gabeira: É.

Branca Vianna: Não está prestando atenção tanto...

Maya Gabeira: Mais relaxado. Pô, dez metros de onda, ficou trinta dias naquela condição, entendeu?

Branca Vianna: Está se divertindo [risos].

Maya Gabeira: Nos últimos quatro meses. Agora, se todo mundo está ali há uma semana falando que vem o maior show do ano, aquela adrenalina está se criando dentro de você, você ficando em estado de alerta. Alerta, alerta, alerta. Na hora, aquele medo, aquela adrenalina. Todo mundo com olho grande, todo mundo afobado, tudo aquilo ali vai te proteger de alguma forma, vai te travar e também vai te deixar bem arisco, assim, né? Para você fazer o que é certo, você não arrisca tanto, você não dá tanto mole. Porque ali, você sabe que você não pode dar mole. Mas a verdade, por exemplo, até hoje, em

Nazaré, uma pessoa morreu. Em um dia médio. E foi um susto para todo mundo. Mas eu acho que realmente existe muito isso, daqueles dias médio-grandes serem quase banalizados, às vezes. Não só por nós, atletas de alta, alta performance, mas como também para outros atletas.

Branca Vianna: É, porque o que você chama de dia que não é grande é uma onda de dez metros, é uma coisa... é uma coisa gigantesca, totalmente abissal, que eu teria medo de ficar na areia.

Maya Gabeira: Mas quando a gente... como nós ficamos muito tempo lá e a gente vê esse tipo de onda muito, a gente começa a banalizar. E tem que ter muito cuidado com isso. Eu mesma. Eu estourei meu ligamento do joelho esse ano, num dia médio, que simplesmente eu acordei afobada - porque a gente entra na água muito cedo - e eu não aqueci. Acordei muito em cima da hora, fui para a marinha, estava muito frio. E aí eu estourei o joelho debaixo da água. Então, assim, foi uma sequência de vacilo.

Branca Vianna: E aí você saiu com o joelho penduradinho, assim?

Maya Gabeira: Não! Foi 50% só, fiquei uns quatro dias de muleta, e um mês fora d'água.

Branca Vianna: Ah, só? Caramba. [risos] Corpo de atleta é outra coisa totalmente diferente. Eu rompi o ligamento uma vez, sofri feito boi ladrão.

Maya Gabeira: Nah, para mim, foi super rápido.

Branca Vianna: Meu corpo é de gente normal [risos das duas]. E aí, me diz uma coisa. Você está aqui com a camiseta da Oceana? Eu vi que você é...

Maya Gabeira: Eu sou do conselho, né?

Branca Vianna: Do conselho, então...

Maya Gabeira: Do conselho e embaixadora.

Branca Vianna: Então, a Oceana é uma ONG internacional, muito grande, que trabalha em prol da proteção dos mares, né?

Maya Gabeira: Do oceano, sim.

Branca Vianna: Dos oceanos. E o que é que você faz para eles? Assim, você tem que fazer *fundraising*, você tem que ir à gala, você tem que fazer discurso? Você é membro do conselho, então, tem reunião do conselho...?

Maya Gabeira: Na verdade, o maior trabalho assim, para mim, é o conselho, né? Porque são três viagens internacionais por ano, três dias, doze horas por dia, onde você toma todas as decisões de 12 países. Somos 24 hoje em dia no Conselho, majoritariamente americanos. Mas, cada vez mais abrindo para outros países. Temos a Europa...temos um segundo brasileiro entrando agora, eu fui a primeira. Uma ex-presidente do Chile. Enfim, a gente tem algumas pessoas na América Latina, América do Sul, bastante Estados Unidos e Europa.

Branca Vianna: Ásia não tem?

Maya Gabeira: Não, no conselho não tem. Estamos na Ásia, na Filipinas, mas não temos no conselho. E tem um pouco de tudo, assim. Na verdade, o mais trabalhoso é você estar numa reunião de conselho e você ter que fazer a tomada de decisão, né? Todos os votos, todas as estratégias, as decisões são feitas em cima de um livro de 400 páginas entregue a nós duas semanas antes, por todos os diretores de cada país.

Branca Vianna: Porque aí você tem que preparar para a reunião, né?

Maya Gabeira: Tem que preparar e vai. O próximo agora é em Nova Iorque, em setembro. Tem *fundraising* também. Em setembro, a Susan e o David Rockefeller, que são do conselho, fazem o *New York Gala* que é um dos nossos *fundraisers*. A minha parte é menos *fundraising* e mais comunicação. Então, além do conselho, eu uso a camiseta, eu falo sobre. Tento trazer mídia e exposição tanto para as causas quanto para as campanhas que a gente tem, e para a ONG em geral, assim. Porque como a gente trabalha muito

com mudança de lei, né? O nosso foco é isso: são campanhas para trocar certas leis ou criar leis novas para a proteção do oceano. Então isso às vezes não tem muita visibilidade, porque a gente está ali, é lobby político, né? São coisas de escala muito mais política e tomada de decisão do que uma coisa ativista, vamos dizer assim. Então é importante que a gente tenha algumas pessoas no conselho e, em geral, conectadas ao oceano, que possam falar do que está acontecendo, porque eles trabalham *muito*.

Branca Vianna: Nesse mesmo assunto de oceano. Uma curiosidade que eu fiquei, como você já surfa há muito tempo. Você já notou algum efeito da mudança climática para o teu esporte? Sei lá, as ondas maiores ou menores, ou mais imprevisíveis, ou menos. Essas previsões meteorológicas... Já fez diferença do que era 20 anos atrás?

Maya Gabeira: A gente começa a achar que tem mais onda grande. Que tem mais tempestade. É difícil ter certeza, porque a gente está aqui há tão pouco tempo, quando a gente pensa no ciclo do planeta. Essa é a sensação. A única coisa visível, assim, de fato, para mim, seria o branqueamento dos corais, que é bem visível. A poluição do plástico e a quantidade de peixe, e vida mesmo.

Branca Vianna: Você vê menos?

Maya Gabeira: Muito menos.

Branca Vianna: Ah, é?

Maya Gabeira: Muito menos. Indonésia, hoje em dia, que é um lugar que tem pesca industrial, muito menos.

Branca Vianna: E antes você via o que?

Maya Gabeira: Ah, peixes maiores. Mais peixe, mais vida. E também o tamanho dos peixes. Eles conseguiram crescer por muito mais tempo antes de serem pegos, entendeu? Então você tinha a possibilidade... os pescadores falam, né, que eles pescavam tuna [atum] muito maior. Então,

espécies que tinham tempo de crescer até o seu tamanho máximo, hoje em dia já não tem mais, porque é tanta pesca que eles já não conseguem crescer até a idade adulta, são pegos antes.

Branca Vianna: Nossa... e branqueamento dos corais é uma coisa bem impressionante. Não tem mais aqueles corais coloridos que tinha, né?

Maya Gabeira: Tem, tem, mas é difícil, viu? Tem, mas é difícil. Principalmente tem, assim, áreas protegidas. Uma vez que elas morrem e aí a gente consegue emplacar uma lei ou uma área de proteção marinha e realmente regularizar também, em cinco anos elas ficam mais vivas do que antes.

Branca Vianna: Ah é? E regenera?

Maya Gabeira: Elas regeneram muito rápido. Entre cinco e dez anos para a regeneração completa e ainda volta mais forte que antes.

Branca Vianna: Ai que legal! Bom saber, que deixa a gente um pouco mais...

Maya Gabeira: Não é impossível, não! A gente não tem jeito, só tem que...

Branca Vianna: É, só tem que se tocar, né? E por quanto tempo você... você falou que você pensou em se aposentar lá atrás, mas não se aposentou, e agora que você tem essas outras coisas? Eu vi também que você tem uma linha de protetor solar, que você está começando... Você escreveu esse livro infantil aqui, que eu vou dizer para os ouvintes, que se chama *Maya e a Fera*. Tem um outro que se chama *Maya Makes Waves*...

Maya Gabeira: Que saiu agora e que deve vir para o Brasil no ano que vem.

Branca Vianna: Que eu não consegui comprar porque não tem aqui no Brasil.

Maya Gabeira: E um infanto-juvenil que sai em março.

Branca Vianna: Fora do Brasil também?

Maya Gabeira: É. É porque eu escrevo lá e depois rola uma tradução, né? Tendo uma editora que se interesse, aí ele é traduzido em outras línguas.

Branca Vianna: E isso é uma coisa que você tem vontade de fazer mais? Você tem vontade, por exemplo, de escrever um livro de memórias ou uma autobiografia, ou...?

Maya Gabeira: Esse infanto-juvenil é de memórias. É para um público de 14 a 20 e poucos anos. É um livro já mais parrudo, mais complexo. Foi bem difícil escrever. Mas, tenho, tenho vontade de continuar dividindo algumas histórias, algumas experiências. Mas também tenho vontade, principalmente, acho que agora, que estou ficando velha, cada vez mais eu fico assim “Ah, não, agora eu tenho que surfar muito!”, porque daqui a pouco eu vou ter que aposentar. Agora eu tenho que curtir muito os próximos cinco anos, sabe? E dar tudo de mim, porque, assim, acho que eu vou muito bem até meus 43, 45 e depois eu vou ter que começar a desacelerar. Então, de certa forma, eu tenho todas essas outras coisas que eu gosto de fazer e quero fazer, mas também tenho dentro de mim uma vontade de aproveitar ao máximo os últimos anos da minha carreira como profissional.

Branca Vianna: Faz sentido, isso. Com que idade as pessoas normalmente se aposentam? Não você, mas de modo geral, os homens.

Maya Gabeira: De modo geral, no meu esporte, entre 45 e 50 é o normal.

Branca Vianna: Sei, sei. Você tem um tempinho ainda, né? Mas faz sentido isso que você está falando, de aproveitar os...faz sentido.

Maya Gabeira: Você começa a ver a linha do fim, assim, e você começa a ficar mais cheia de vontade.

Branca Vianna: Aí você pode passar para um surfe... normal, assim.

Maya Gabeira: Ah, não, mas isso segue até morrer. Mas, assim, poder surfar essas ondas gigantes, treinar o dia todo e me desafiar fisicamente, mentalmente. Acho que como atleta, eu quero poder aproveitar os últimos anos, porque sei que uma hora vai acabar.

Branca Vianna: Acho que isso, né, Flora? Tem alguma coisa que faltou?

Flora Thomson-DeVeaux: Não... você chegou a falar na equação do dia, assim. E você, tipo assim, se as ondas estão bem e não sei o que, também. Mas, eu imagino que, assim, é a onda, mas é você e é, tipo, seu... Eu queria entender como é essa equação e também você falando sobre aproveitar esse tempo para surfar essas ondas gigantes. Imagino que essa também seja uma equação, né? Pensando, em algum momento, vai chegar o dia que você vai pensar: "Essa é a última".

Maya Gabeira: Sim, eu acho que a equação do dia, na verdade... nós, atletas, a gente lida bem com a adversidade, né? Então, o meu último campeonato profissional que eu ganhei, o *Nazaré Tow Challenge*, foi em fevereiro desse ano. Foi o meu primeiro dia surfando depois de um mês quebrada. Eu tinha feito ligamento do pé e eu tinha estourado o meu tendão da mão, então eu estava... na verdade não era pra eu ter voltado a surfar. Era para eu ter esperado mais de duas semanas. Então eu estava com o joelho enfaixado, a coluna enfaixada, porque a minha coluna também sofreu um acidente há dois anos atrás de novo e tem estado bem mal, e com a mão sem conseguir pegar. Então, na verdade assim, tudo estava errado. Só que eu ganhei, porque a gente está acostumado. Eu, pelo menos, sou muito acostumada a superar dor, superar lesão, ter que competir com coisas que não estão a meu favor, com condições que não estavam a meu favor. Então, na verdade, assim, a não ser que seja algo muito fora da curva, eu vou dar um jeito.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso não está muito fora da curva, o que você descreveu.

Maya Gabeira: Não, fora da curva seria, assim, com gesso. Entendeu? [risos das três] Isso seria fora da curva. Só que é uma situação de ser tão...

Branca Vianna: A pessoa está com gesso, a pessoa diz: “Não, acho que dá! Eu tô com gesso mas, ah, não, pô, não tô sentindo dor, até que dá”. É assim?

Maya Gabeira: Mas gesso é fogo, porque gesso não dá na água, né? [risos das três]

Branca Vianna: Nossa, para a gente isso não faz o menor sentido. Então só porque o gesso derrete na água é que você não pode surfar de gesso né, senão...

Flora Thomson-DeVeaux: Então, a minha pergunta era um pouco sobre limites, mas estou entendendo que essa noção de limites é muito flexível.

Maya Gabeira: É muito flexível, mas é porque eu estou acostumada. Mas tem o seu limite, né? Asma, por exemplo, é uma coisa que me põe limite no mar. Quando eu tô muito asmática, eu tenho noção de que, de que eu não consigo.

Flora Thomson-DeVeaux: O pulmão limita onde, assim...

Maya Gabeira: O pulmão me limita muito mais do que um joelho, uma coluna, um negócio que eu posso botar. Eu surfo muito de cinta, né? Então eu tomo remédio, eu posso tomar uma injeção, tem algumas formas. Mas o pulmão não tem o que fazer. Então, assim, eu sei também, entendeu? O que me impede impede o que me dificulta. Esse dia era um dia de dificuldade. E aí a gente encara porque eu só compito uma vez por ano. né? Então é fogo você passar o ano inteiro esperando uma competição e na hora da competição você está com algumas questões, mas que, ainda, teoricamente, é possível.

Branca Vianna: Porque você só compete em Nazaré ou nessas...

Maya Gabeira: Só...

Branca Vianna: ... ou Mavericks e aquelas outras todas.

Maya Gabeira: Eu só compito em Nazaré porque, na verdade, a gente só tem competição hoje em dia em Nazaré, profissional.

Branca Vianna: De onda grande?

Maya Gabeira: É.

Branca Vianna: Ah... as outras todas as pessoas vão e aí, tem foto, tem vídeo...

Maya Gabeira: Exatamente.

Branca Vianna: Ah, tá.

Maya Gabeira: A gente tinha mais competição antigamente, mas a WSL parou de fazer Jaws, que tinha feminino também, mas era na remada. Já teve Mavericks também, já teve feminino, tudo isso nos últimos quatro anos. E aí teve feminino também, mas faz uns dois, três anos desde a pandemia que só Nazaré voltou com força.

Branca Vianna: Por que? Nos outros lugares não são...?

Maya Gabeira: Não sei, nos Estados Unidos não voltou assim, com ondas grandes, em competição.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso para homens e mulheres?

Maya Gabeira: Para homens e mulheres.

Flora Thomson-DeVeaux: Outra coisa que você falou é que é muita água. E aí, me lembrou alguma coisa meio que assim, de uma escala quântica, de uma vez que você tem aquela massa, aquela equação já começa a ficar “n” vezes mais complicada. Como é que é isso?

Maya Gabeira: Depende. Quando a água está vindo te massacrar ou quando você está surfando a onda, que é o momento bom?

Flora Thomson-DeVeaux: Quando você está dominando, assim. A equação para dominar.

Maya Gabeira: Ah, quando você está dominando é incrível, quando você está dominando é incrível. Na verdade você não domina, você vai em harmonia com a situação. Porque dominar, dominar mesmo é impossível para um ser humano, a gente não tem força, não tem capacidade de dominar uma onda de 80 pés, 70 pés. É muita força, é, muita, muita energia. Mas a gente consegue, com a nossa habilidade, e nossa experiência, usufruir daquele momento sem dar errado, né? Só com o lado positivo, sem ter que ter porrada, sem ter que tomar as lições, sem nada de ruim acontecer, só coisa boa. E quando acontece coisa ruim, aí realmente é muito ruim.

Branca Vianna: A coisa boa deve ser muito boa também, né? Você consegue surfar uma onda... Quando você sai, assim, qual é a sensação de [respiro]?

Maya Gabeira: Ah, não precisa nem sair. Quando você ainda está na onda, você já está... Tudo é bom. A hora que você solta a corda, a hora que... Para mim já começa a ser bom na hora que você vê que está vindo uma onda "X" e é sua. Para mim, ali já começa o espetáculo. Porque não é toda onda que é boa, não é toda série que encaixa perfeito na bancada. Então quando você está numa situação onde você está na corda, é sua prioridade, você está chegando e você vê que a onda é *A Boa*. Ali, você pode começar a comemorar para o acaso. Que ali muitas coisas já se alinharam para te colocar naquela situação. Eu acho que o nosso esporte tem muito disso, né? Você vê, o que aconteceu com o Medina na semi-final. Não veio onda.

Branca Vianna: É... foi impressionante, é.

Maya Gabeira: Não adianta. Se a onda não vem, não tem técnica, não tem esforço, não tem capacidade... a onda não veio. Então, a gente, numa

condição de surfar dois dias gigantes no ano, as coisas tem que se alinhar muito pra você pegar onda do dia, assim. Por isso que, em 2020, quando eu peguei a maior onda do ano, as coisas se alinharam muito. Porque é muito difícil você ser presenteado com estar no lugar certo na hora certa, surfar bem e ter uma performance naquele instante. A gente conta com sorte. A gente conta com sorte, com energia, com... não só sua, do teu piloto também, né? Porque ele é que está enxergando as coisas, então é uma sincronia, assim. Muitas coisas tem que se alinhar, então tem uma complexidade que foge muito do nosso controle. Não é só a gente treinar a performance, fazer o solo, saber que faz bem e, na hora da competição, não tem nervosismo. Não, não tem nada disso, está muito além disso. A gente realmente está na mão da natureza.

Branca Vianna: Mas você gosta disso, né?

Maya Gabeira: Adoro.

Branca Vianna: Esse foi o fio da meada. Obrigado por ouvir.

No site da Rádio Novelo você encontra a transcrição do episódio e se você quiser saber mais sobre o podcast, a gente está no Instagram, e no Threads, no @radionovelo. No BlueSky, somos @radionovelo.com.br. Você pode seguir a gente por lá e também na plataforma onde você está ouvindo esse episódio. Dá para deixar um comentário sobre essa conversa tanto nas nossas redes quanto na Apple e no Spotify.

O fio da meada é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda segunda feira.

A coordenação e produção são da Évelin Argenta.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A direção executiva é da Marcela Casaca.

A edição executiva é da Natália Silva.

A Gerência de Produto é da Juliana Jaeger.

A montagem desse episódio é da Luiza Silvestrini e a sonorização e mixagem são da Júlia Matos.

A música original é da Luna França.

O apoio de produção é do Vitor Hugo Brandalise, da Bia Guimarães, da Sara Azoubel, da Carol Pires, da Bárbara Rubira, da Carolina Moraes, da Ashiley Calvo e da Isabel de Santana.

O desenvolvimento de produto e audiência é da Bia Ribeiro.

A identidade visual é da Natasha Gompers.

A Coordenação de Ilustração e Design é do Gustavo Nascimento, a coordenação executiva é da Laura Martins e a Análise Administrativa e Financeira é da Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.